

---

# Inscrições sobre guerreiros lusitano-galaicos: leituras e interpretações

ARMANDO REDENTOR\*

## R E S U M O

Reavaliam-se, do ponto de vista epigráfico, os textos latinos patentes em alguns exemplares de estátuas de guerreiros lusitano-galaicos, abrindo-se a discussão sobre o sentido e o significado que conferem a estas manifestações escultóricas que lhes servem de suporte.

## A B S T R A C T

The significance and meaning that the epigraphic inscriptions confer to the Callaico-Lusitanian warrior statues they were engraved on is discussed here, after a careful re-evaluation of each epigraphic inscription.

## 1. Introdução

Apresentámos no *X Colóquio Internacional sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispánicas*, que decorreu em Lisboa entre os dias 26 e 28 de Fevereiro de 2009, uma comunicação que versou sobre o contributo da epigrafia para a questão do significado das emblemáticas esculturas de guerreiros ligadas ao mundo castrejo galaico-meridional, cujo fulcro se centrou na discussão do sentido dos textos que um reduzido número delas ostenta. Esta incursão temática foi precedida da reanálise epigráfica da totalidade dos textos conhecidos, cujos resultados expomos no presente artigo<sup>1</sup>, complementando as inferências publicadas nas actas do encontro (Redentor, 2009).

As estátuas de guerreiros lusitano-galaicos portadoras de inscrição latina têm sido objecto de múltiplas avaliações e referências. Ao todo conhecem-se quatro exemplares epigrafados (Fig. 1), estando um deles, pelo menos no que ao troço epigrafado respeita, desaparecido. Este, correspondente ao guerreiro de Rubiás (Ourense), e a estátua de Meixedo (Viana do Castelo) são as esculturas há mais tempo referenciadas, respectivamente, desde os séculos XVII e XV. As duas restantes, correspondentes aos guerreiros de Santa Comba (Refojos de Basto, Cabeceiras de Basto) e de São Julião (Vila Verde), são achados comparativamente recentes, ocorridos na década de 80 do século passado.

Sendo nosso objectivo tratar neste artigo das inscrições em causa, remetemos para sínteses anteriores as questões directamente relacionadas com a plástica, nomeadamente a descrição dos suportes escultóricos, apreciável no catálogo apresentado por Calo Lourido (2003, pp. 6–32) nas

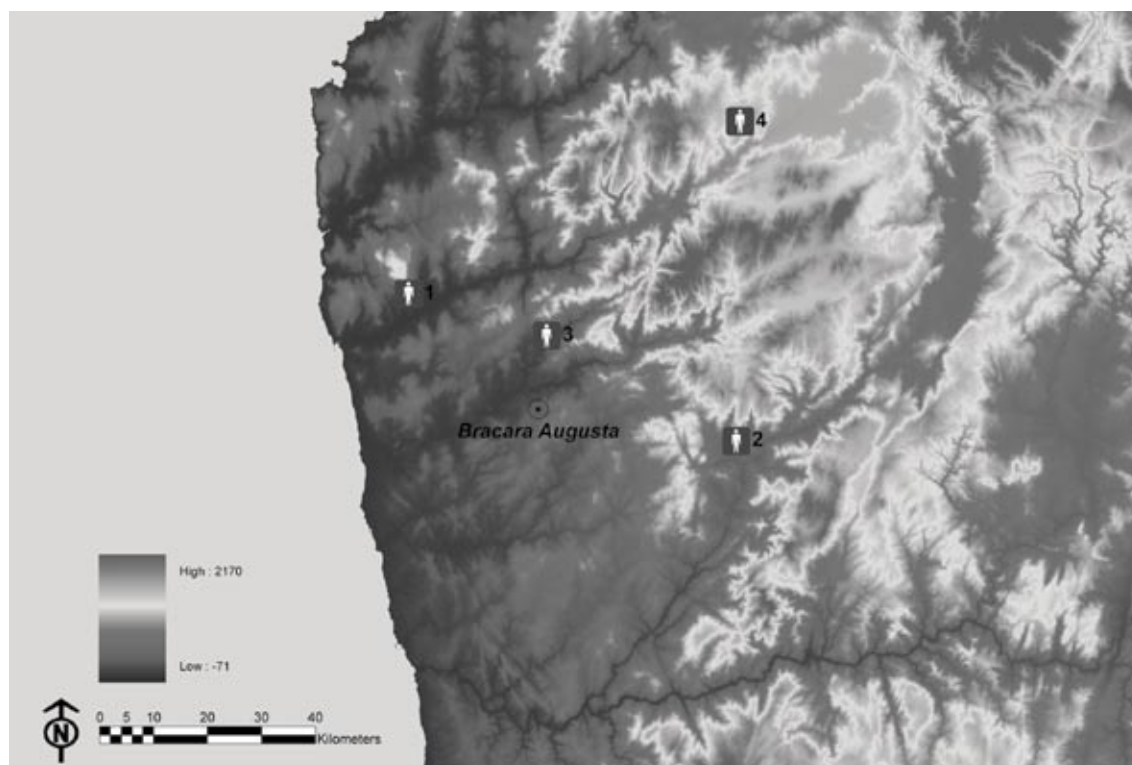


Fig. 1 Distribuição das estátuas de guerreiros lusitano-galaicos epigrafadas: 1, Meixedo, Viana do Castelo; 2, Santa Comba, Refojos de Basto, Cabeceiras de Basto; 3, São Julião, Coucieiro, Vila Verde; 4, Rubiás, Bande, Ourense.

actas do colóquio monográfico internacional que decorreu em Lisboa em 2002, cuja publicação se fez no volume 44 dos *Madriдер Mitteilungen*.

Os textos destas inscrições têm sido sistematicamente baralhados nas sínteses que se têm produzido sobre o tema, nomeadamente no que respeita à questão do significado das manifestações escultóricas em causa, pelo contributo qualitativo que a informação escrita acrescenta à análise artística e à míngua do esclarecimento que poderia proporcionar o registo arqueológico.

Todavia, partindo do pressuposto de que as leituras disponíveis para os textos em causa requeriam, pese embora a amplitude dos contributos publicados, renovada submissão à crítica que pudesse, o mais rigorosamente possível, elucidar sobre os conteúdos e cronologia das mensagens epigrafadas, empreendemos essa tarefa, à partida difícil em face dos problemas que as gravações encerram, e que são, em boa medida, decorrentes do seu estado de conservação.

Um quinto exemplar de guerreiro lusitano-galaico, correspondente a uma das peças associadas ao Castro do Lesenho (Boticas) (Calo, 2003, pp. 10–11, n.º 11), também apresenta vestígios de inscrição, embora até ao presente não tenha sido possível avançar com qualquer leitura (Koch, 2003, pp. 80–81, 85).

## 2. O guerreiro de São Paio de Meixedo (Meixedo, Viana do Castelo)

No guerreiro de Meixedo (Calo, 2003, pp. 20–21, n.º 25; Fig. 2), o texto encontra-se dividido por três áreas contíguas da superfície escultórica: a primeira situa-se na parte frontal, sobre o saio e sob o escudo (Fig. 3); a segunda, na parte lateral esquerda, desenvolve-se sobre o saio e sobre a



Fig. 2 Estátua de guerreiro de Meixedo.



Fig. 3 Sequência frontal da inscrição da estátua de guerreiro de Meixedo.

Fig. 4 Sequência lateral esquerda da inscrição da estátua de guerreiro de Meixedo.

Fig. 5 Início da sequência frontolateral da inscrição da estátua de guerreiro de Meixedo.

perna direita (Fig. 4); a terceira, em posição frontolateral, sobre a perna esquerda (Fig. 5). A ordem de gravação parece ter sido esta, atentando no facto de as translineações associadas à área lateral esquerda se fazerem em função do limite esquerdo da sequência de texto gravada na parte frontal da estátua, mas não encontramos argumentos para defender que se trata de duas inscrições distintas, considerando a complementaridade das diversas partes.

Desconhece-se o contexto arqueológico com o qual se relaciona a escultura, referenciada desde o século XV. C. A. B. de Almeida (2008, p. 231) apresenta como credível a possibilidade de provir da Citânia de Santa Luzia, atendendo à sua dimensão e posicionamento regional, aspectos que facilmente lhe conferem o estatuto de lugar central, sendo exactamente pela exiguidade dos povoados mais próximos de Meixedo, nomeadamente o de Vilar de Murteda e o de Amonde, que toma como menos provável a sua ligação a qualquer um deles.

As principais propostas interpretativas para o texto da estátua de Meixedo conhecidas até meados dos anos oitenta (CIL 2462 e 5611; Guerra, 1882, p. 193, 1899–1900, p. 176; Vasconcellos, 1913, pp. 49–53) distinguem-se apenas em questões de pormenor e acentuam o seu carácter funerário, presumindo o uso de genitivo na identificação do indivíduo lembrado à cabeça da mensagem epigrafada, que era lida de modo contínuo. Nesta linha, Tranoy (1981, p. 351) suporá a reutilização da estátua como monumento funerário.

Ilustrativamente, damos conta dos dois principais contributos de finais de Oitocentos e inícios de Novecentos relativos à leitura do texto. Em CIL II 2462 edita-se a transcrição:

L · SESTI · CLODAME  
NIS · FL · COROC[O]COROCAVCI  
VDIVS · [---]F · SEMPRON  
CONTV[---]NS · ET  
FRATER,

cujos desdobramento é proposto nos seguintes moldes: *L(uci) Sesti Clodame/nis f[i]l(ii) Coroc[o]corocaudi; / [Ti. Cl]audius [Ti.] f. Sempron[ianus] / contu[bernalis eiu]s et / frater.*

J. L. Vasconcellos (1913, pp. 51–53), revendo a proposta hübnneriana, estabelecerá:

L · SESTI CLODAME  
NIS · L · L COROCCOROGAVCI  
VDIVS · F · SE++FO+I  
CONTV+ [---]VS F C  
FRATER,

confidenciando, dubitativamente, afigurar-se-lhe no início da segunda metade da quarta linha a sequência T CLO.

Uma viragem fundamental na interpretação do texto foi operada por A. C. F. da Silva (Martins & Silva, 1984, pp. 40–43), ao distinguir duas áreas epigráficas distintas (a frontal e a lateral direita) que propõe ler separadamente. Assim, estabelece para ambas:

*Clodame*  
*Corocaudi*  
*f(ilio) Se[stio?]*

L(*ucius*) · Sesti-  
 us · L(*ucii*) · l(*ibertus?*) · Coroc-  
 audius  
 contu(*bernalis?*)  
 frater

Em sua opinião, tratar-se-ia de dois textos distintos com cronologias diferentes: o da área frontal, datável da primeira metade do século I, e o da lateral, da época flaviana, deixando de fora a parte que aparece sobre a perna esquerda.

Divergimos desta interpretação, não só não aceitando esta lacuna, mas também ao considerar a unicidade do texto, embora concordando com a distinção das diferentes áreas de gravação, que não se reduzem às duas consideradas, pois uma terceira, situada, como se disse, na perna esquerda do guerreiro, completa o conjunto, como pertinentemente se assinalava nas primeiras transcrições (cf. Hübner, 1871, p. 105; Vasconcellos, 1913, p. 51). Neste ponto, estamos mais próximos da recente abordagem realizada por A. Rodríguez Colmenero (2002, pp. 273–285), embora não o acompanhamos, como se explanará, na totalidade das propostas que faz.

A autópsia recente que fizemos ao texto da estátua vianense permitiu-nos estabelecer a seguinte leitura:

P(ublio)·Clodameo  
 Corocaudi  
 f(ilio)·Seaqueo[n]i

L(*ucius*)·Sest-  
 ius·L(*ucii*)·l(*ibertus*)·Coroc-  
 audius  
 contu(*bernalis*)  
 frater et

Tuβene(n)s(es)·f(aciendum)·c(urauerunt)·

A interpretação cumulativa das três partes identificadas impõe-se, resultando em texto unitário de leitura sequencial (Fig. 6), contrariamente ao imaginado por Rodríguez Colmenero (2002, p. 278).

No respeitante à primeira, gravada sob o escudo, o exame a que submetemos o texto alentou-nos a estabelecer nesta sequência a identificação de um indivíduo que se homenageia, tendo em atenção a utilização do dativo, contrastando na questão flexional com as restantes sequências. Contrariamente a todas as propostas de leitura anteriores, consideramos que o seu nome tem no início a abreviatura prenominal *P(ublius)*, claramente vincada por um ponto, a qual tem sido confundida com um I, interpretado em função da fracção de texto gravada na parte lateral da estátua, em concreto como pertencente à terminação em *-ius* do *nomen* do indivíduo aí assinalado<sup>2</sup>.

A observação atenta da inscrição permite, porém, fazer este acerto, tanto mais que a letra que se tem aí querido ler é passível de ser descortinada, ainda que com o desgaste resultante da intensa meteorização que afecta as superfícies mais expostas da escultura, nomeadamente os seus contornos laterais, no começo da linha seguinte da sequência lateral, que se verifica já na retaguarda da estátua, o que é ressaltado em decalque.

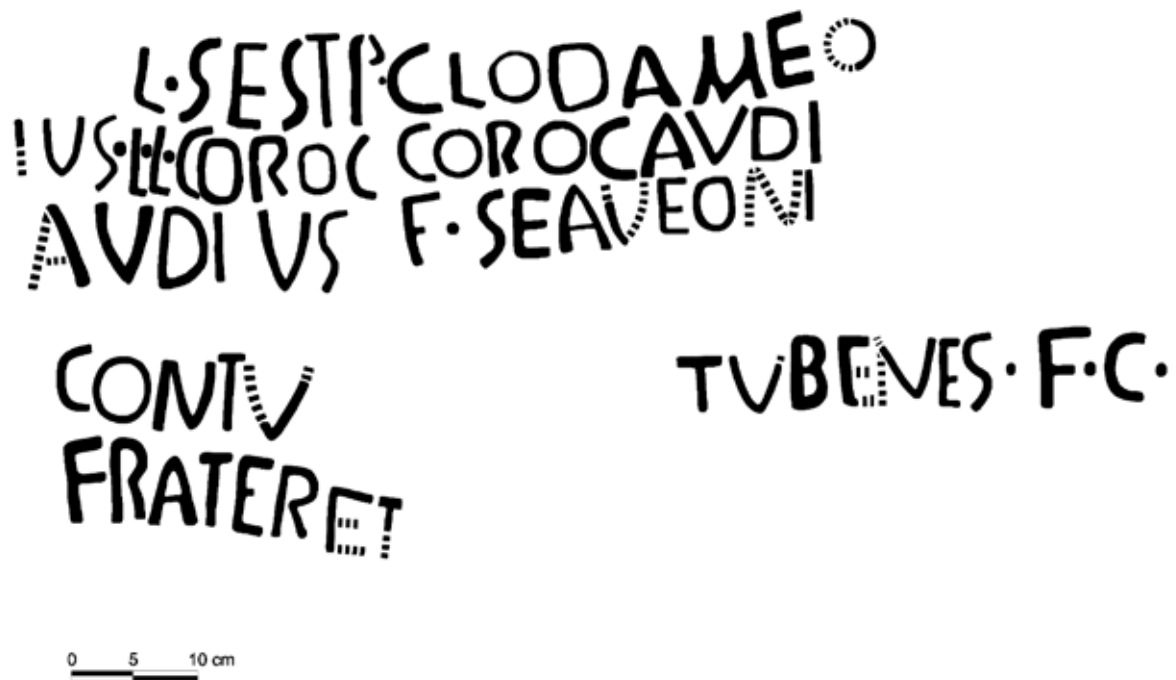


Fig. 6 Texto da estátua de guerreiro de Meixedo.



Fig. 7 Pormenor do final da l. 1 da inscrição da estátua de guerreiro de Meixedo.

No final da primeira linha frontal, após o E, que todas as leituras anteriores consideram como derradeira letra, num trecho também bastante meteorizado, adivinha-se o contorno circular, extremamente tênue, de um O, de módulo idêntico aos dos restantes que se comprovam nesta sequência de texto, nomeadamente a sua metade direita (Fig. 7); tal identificação, além de requerida em função da interpretação que sustentamos para o seguimento do texto, nomeadamente para a terceira linha, permite, do ponto de vista da *ordinatio*, o delineamento de uma distribuição desta parte da inscrição em função do eixo de simetria da peça.

Na leitura da terceira linha também nos afastamos das anteriores edições, parecendo-nos mais rigoroso interpretar a terceira letra como A e não como R (cf. Vasconcellos, 1913, p. 51; Rodríguez, 2002, p. 279), embora não tenhamos evidência clara da letra seguinte, a qual tomamos por V em função do espaço disponível e das implicações que sobre ele têm os perfis das letras que o enquadram; conseqüentemente, a proposta de leitura mais plausível implica, em nosso entender, um antropónimo, até agora indocumentado, *Seauueo*.

Interpretamos, assim, a sequência de texto frontal como correspondente a uma estrutura onomástica trinominal, à moda latina, mas com inclusão do patronímico na filiação, em vez do habitual *praenomen* em sigla, para a qual se recorreu ao dativo. O gentílico, em que ressalta a terminação menos usual em *-eus*, poderá entender-se como de formação patronímica baseada em nome indígena, estando essa composição derivativa claramente documentada na onomástica autóctone. A forma sonorizada do antropónimo *Clodameus* associa-se à forma reduzida *Clot-* do radical *Clout-*, tendo provavelmente a sua raiz no IE *\*kleu-* ‘o que se ouve, célebre, fama’ (*IEW*, pp. 605–607), conforme proposta de Albertos (1966, p. 89), relacionando-se com o âmbito galaico-ásture a redução de *-ou-* ao vocalismo *-o-* (Vallejo, 2005, p. 286). Apresenta sufixo *-amo-* procedente do superlativo *\*-mmo-* (cf. Albertos, 1966, p. 295; Vallejo, 2005, pp. 599–601), podendo, no caso vertente, conservar esse valor, e sufixação secundária em *-e-* (cf. Vallejo, 2005, pp. 547–548). Esta mesma derivação em *-e-* parece acontecer no hápax cognominal *Seauueo*.

O patronímico é nome composto cujo primeiro elemento corresponde ao IE *\*koryo-* ou *\*koro-* ‘guerra, exército’ (*IEW*, pp. 615–616), conforme tem sido posto em relevo por diversos estudiosos (Albertos, 1966, p. 96; Prósper, 2002, p. 62; Vallejo, 2005, p. 294). O segundo quicá se relacione com o IE *\*kāu* ‘bater, cortar’ (*IEW*, p. 535), base do verbo latino *cūdō*, *-ēre* ‘bater, espancar’, e de termos como *caudex* ‘tronco de árvore’, *caudica* ‘tipo de barco’, remetendo para acepções relacionadas com o comportamento guerreiro. Outros nomes peninsulares, cingidos ao âmbito lusitano, documentam o radical *Caud-*, como o genitivo *Caudi* e *Caudicus* (cf. Vallejo, 2005, p. 272). Prósper (2002, p. 63) havia sugerido relação com *\*kauko-* ‘grito’ para uma forma *Corocauci* (cf. Albertos, 1966, p. 97) há muito descartada (Martins & Silva, 1984, pp. 40–43; Silva, 1986, p. 307) e que remonta à leitura proposta no *CIL*.

A segunda e terceira partes do texto identificam, verosimilmente, os responsáveis pela dedicatória, conforme se depreende da fórmula de fecho.

Na face lateral esquerda, há referência a um indivíduo que, do ponto de vista onomástico, se apresenta igualmente com *tria nomina*, mas de estatuto jurídico distinto, embora por meio de aposto se indique a relação existente com o homenageado: *L. Sestius L. l. Corocaudius* diz-se *contubernalis* e *frater*. Contrariamente a este termo de relação familiar, a indicação *contubernalis* surge abreviada. O gentílico deste indivíduo é claramente latino e pouco vulgar em solo hispânico (cf. Abascal, 1994, p. 221), sendo de destacar a sua correspondência com o de *L. Sestius Quirinalis*, actor importante na conquista e pacificação do Noroeste (cf. Tranoy, 1981, pp. 148–149). O cognome é indígena e coincide com o patronímico de *P. Clodameus Seauueo*. A leitura *Corocaudius*, também sustentada por Rodríguez Colmenero (2002, p. 279), e não *Corocudius*, como estabeleceu A. C. F. da

Silva (Martins & Silva, 1984, p. 41), é comprovável pela existência de ténue vestígio do A no início da l. 3, distintamente apreciável em decalque, que desta maneira quase se alinha com a anterior, tal qual a interpretamos.

Para a fracção do texto gravada na perna direita, cuja ligação à anterior é vincada por meio de conjunção colocada no final da mesma, e de que se conservam escassos vestígios, estabeleceu Rodríguez Colmenero (2002, p. 279) a leitura *Tubine(n)s(es)f. c.* Foi exactamente este investigador que, pela primeira vez, apresentou uma proposta coerente para a interpretação da parte do texto gravada nesse sector, da qual anteriormente apenas havia sido lido o remate, correspondente à fórmula e à terminação do nome que a antecede (cf. Vasconcellos, 1913, p. 51), quando não se ignorou (cf. Martins & Silva, 1984, p. 41). Esta parte da inscrição é, talvez, devido às particularmente deficientes condições de conservação, a mais problemática. As maiores dúvidas instalam-se ao nível do terceiro e quarto caracteres: quanto ao primeiro destes, podemos hesitar entre B e D, mas os resquícios conservados parecem adaptar-se melhor a um B; o espaço que a seguir sobeja é bastante estreito e apenas adaptável a um I ou, em alternativa, a um E, considerando que o que se gravou após o N é delgadíssimo, quase não se distinguindo as suas barras, sendo a mais nítida a superior.

Seguindo o resultado da autópsia por nós realizada, propomos ligeira correcção à leitura de Rodríguez Colmenero por via da constatação de vestígio de traço perpendicular à haste interpretada por este autor como I, e que corresponde à barra superior de um E, estabelecendo o nome do colectivo populacional em *Tubene(n)s(es)*.

Concordamos com ele quando equipara o grupo populacional documentado no guerreiro vianense aos colectivos da inscrição do guerreiro de Cabeceiras de Basto, que adiante comentamos, podendo este referir-se a um povoado cujo nome bem poderia ser *\*Tubena* ou *\*Tubenum*.

Considerando que a tendência rastreável ao nível dos adjectivos pátrios com sufixação latina *-ensis* é a perda do som nasal, como se constata com frequência por entre a documentação epigráfica, parece-nos pouco razoável a interpretação do nome colectivo como *Tuben(s)es*, registo que justificaria para o povoado um nome *\*Tube*, à semelhança de outros topónimos da fachada atlântica do Noroeste em que o radical não sofre alongamento e têm a terminação *-e*, como *Cale* ou *Tude*, embora também fossem formas plausíveis *\*Tubum* ou *\*Tuba*.

A propósito do topónimo, lembramos a existência de um *Tuben oppidum* na Tunísia (Plin., *N.H.*, 5, 37) que poderá originar-se numa mesma etimologia, possivelmente no IE *\*thubā* ‘elevação, colina’ (IEW, p. 1080), com a qual também se relacionará o termo latino *tuber* ‘tumor, excrescência’.

A proposta de leitura da totalidade do texto recentemente realizada, culminando subsequentes acertos, por A. Rodríguez Colmenero (2000a, 2000b, 2002), e que temos vindo a comentar,

*L(ucius) · Sesti-*  
*us L(ucii) · l(ibertus) · Coroc-*  
*audius (et)*

*Clodame*  
*Corocaudi*  
*· f(ilia) · Serdeo Gl-*  
*ano · Ucci · f(ilio) · p(osuerunt)*

*contube(rnalis)*  
*frater et ·*



*Tubine(n)s(es) f(aciendum) c(urauerunt),*

apesar de completamente inovadora, ultrapassa a realidade da inscrição, ao querer ver na parte frontal do texto uma quarta linha que nos parece inverosímil. É-o, quer do ponto de vista epigráfico, atendendo à escassez do espaço disponível, implicando o esmagamento dessa linha na borda da representação do saio, e à pouco clara identificação de caracteres nesse alinhamento (como se comprova pelos diferentes ajustes apresentados para essa linha nos diferentes artigos que publicou), quer do interpretativo, pois desta maneira complexifica de modo supérfluo a interpretação do conjunto do texto, ao ter de forçosamente mesclar as várias partes para chegar a uma versão minimamente compreensível.

### 3. O guerreiro de Santa Comba (Refojos de Basto, Cabeceiras de Basto)

O guerreiro de Santa Comba (Calo, 2003, pp. 23–24, n.º 28; Fig. 8) apareceu nos inícios dos anos 80 do século transacto nas imediações do povoado fortificado homónimo<sup>3</sup>, com o qual, provavelmente, se relaciona.

A disposição do texto apresenta-se em V, adaptada à metade inferior da *caetra*, resultando intersectada a primeira regra pela figuração do umbo (Fig. 9). A leitura que apurámos na análise autóptica realizada é concordante com a recente proposta de revisão avançada por Rodríguez Colmenero (2002):

‘Ar’tifices  
Calubrigens-  
es·et·Abi‘an’iēn(ses)  
f(aciendum)·c(urauerunt)·

As primeiras leituras publicadas (Almeida, 1981, p. 115, 1982, pp. 82–84; Silva, 1981–1982, pp. 89–90, 1982, pp. 80–82, 1986, p. 308, n.º 554 = Icon. 10/Epig. 3; Calo, 1983, pp. 159–185; Tranoy, 1988, p. 223, n. 22) divergem, todavia, desta, residindo apenas na terceira linha as diferenças, de que decorrem naturais implicações interpretativas. Para a sequência que se segue a *Artifices / Calubrigen/ses*, C. A. F. de Almeida propôs *et Abianis*, e, no trabalho subsequente, *Abinis*, aceitando a existência de duas entidades a par, e A. C. F. da Silva *e(x)s Albinis*, entendendo os *Calubrigenses* dentro de um grupo mais amplo que seriam os *Albini*, tomados como *populus*, sugestão depois acolhida por J. Alarcão (1992, pp. 64–65, 1998, pp. 54–55), considerando a posterior conversão em *ciuitas*. Calo sustenta a primeira proposta de leitura de Almeida, defendendo a sua razoabilidade interpretativa e gramatical, enquanto Tranoy opta pela consideração de uma abreviatura *Abianis(enses)*.

As diferenças expostas relativamente ao nome da segunda entidade residem sobretudo na validação ou no menosprezo de determinados pormenores, que podem redundar, ou não, no acolhimento de determinados nexos. Todavia, pela autópsia que realizámos (beneficiária de iluminação rasante, quer natural, quer artificial) não partilhamos do cepticismo de A. Guerra (1998, p. 102) relativamente às dificuldades desta questão, parecendo-nos poder-se desambiguar as reservas por ele levantadas relativamente à existência dessas uniões (Fig. 10).

Em primeiro lugar, a dupla posição de C. A. F. de Almeida assenta na aceitação e posterior negação do nexos AN. É, porém, fortemente plausível a sua existência, como indicia pequena depressão horizontal entre as duas primeiras hastes. Por seu turno, o nexos AL proposto por A. C. F. da



Fig. 8 Estátua de guerreiro de Santa Comba.

Silva (1981–1982, p. 90) para esta mesma linha é, em nosso entender, de mais difícil admissão, por um lado, pela exiguidade da pretendida barra e, por outro, pelo inusitado da sua ligação à haste esquerda do A, e não à direita, sendo esta a raiz de uma sugestão *Labinis* que chegou a formular Alarcão (1992, p. 64).

Do mesmo modo, não é admissível a leitura do quarto carácter desta linha como S, pois com mais facilidade se identifica com um T, de barra curta e descentrada. Esta divergência acentuada por A. C. F. da Silva, além de dificilmente se coadunar com o registo epigráfico, resultaria ainda bizarra, sabendo-se que o mais habitual na escrita epigráfica é o recurso a grafias hipercorrectas, que, no caso, implicaria a forma *exs*, acrescentando que o modo de indicação de proveniência defendido não encontra eco em exemplos conhecidos, como já expôs Guerra (1998, p. 101).

Também a letra que tem sido sistematicamente identificada como S no final da linha revela adaptar-se melhor ao desenho de um E, como discerniu Rodríguez Colmenero (2002, p. 270)<sup>4</sup>. Neste particular, o que mais se evidencia é uma haste vertical, que não pode confundir-se com o traçado de um S, cuja ligação ligeiramente arredondada com a barra superior tem paralelo nos restantes EE, sendo também identificável a barra central. Aquilo que levou investigadores anteriores à admissão da curvatura inferior de um S, cujo traçado resultaria sempre atarracado e dissonante relativamente aos congêneres, não parece passar de beliscadura vertical com exacto paralelo mais ao lado.

Por último, à direita deste carácter, vislumbram-se ténues vestígios do que, em consequência da anterior leitura de um E, podemos atribuir ao vértice superior de um N, necessariamente incompleto devido à quebradura do rebordo da *caetra* e, possivelmente, de dimensão inferior, mais consonante com a das letras da linha seguinte, na qual apenas se grafou em sigla a fórmula *f. c.*



Fig. 9 Pormenor da inscrição da estátua de guerreiro de Santa Comba.



Fig. 10 Texto da estátua de guerreiro de Santa Comba.

Trata-se de inscrição que, em nosso entender, identifica os dedicantes da escultura, nomeados como *artifices*. Este termo, de uso corrente na época imperial, designa genericamente qualquer indivíduo que domina uma *ars*, isto é, que tem um ofício, não se ajustando a uma forma específica de trabalho artesanal (Gimeno, 1988, p. 7).

O adjectivo pátrio *Calubrigensis* remete para um topónimo *Calubriga*. Documentando-se uma *\*Calubriga* no espaço territorial dos *Gigurri*, conforme o registo de inscrição de A Cigarrosa (*CIL* II 2610 + *HEpOl*, 8421), na qual se refere um *Pompeius Reburrus, Gigurrus Calubrigensis*, poder-se-ia entender que os *calubrigenses* dedicantes da escultura fossem daí provenientes, ocasionando pensar num grupo de emigrados ou em artistas itinerantes, embora seja mais plausível que fossem procedentes de um outro local com a mesma denominação toponímica, provavelmente situado num âmbito geográfico não demasiado distante do local de achado (cf. Almeida, 1982, p. 83; Calo, 1994, p. 280, n. 1; Guerra, 1998, p. 376; Rodríguez, 2002, pp. 270–272). O topónimo em *-briga* tem possivelmente como primeiro elemento o radical *Cala-*, tal como *Callaecia*, com passagem de *-a-* a *-u-* antes de labial (Untermann, 1992, p. 383; Guerra, 1998, p. 376). A propósito de antroponímia à qual aparentemente se vincula o mesmo radical, Albertos (1966, p. 72) propôs que esta remontasse à raiz IE *\*kal-* ‘duro’ (*IEW*, pp. 523–524). E visando o etnónimo *Callaeci*, Búa & Guerra (1999, p. 335) defendem uma derivação a partir de *\*Kalla-* < *\*kalna-* < *\*klna-* ‘montanha, outeiro’, opção criticada por Prósper (2002, p. 179–180), que, em alternativa, sugere o recurso a uma etimologia *\*klni-* (ou *\*klsi-*) ‘bosque’, sem rejeitar uma base hidronímica *\*kal-* defendida por Villar (2000, pp. 314–317).

Por seu lado, *Abianien(ses)* pode remeter para um topónimo *\*Abiania* ou, como propõe Rodríguez Colmenero (2002, p. 272), *\*Abianium*, que considera corresponder a um *castellum*, tal como *\*Calubriga*. Deve poder aproximar-se de *\*ab-/ap-* ‘água’ (Guerra, 1998, p. 250), raízes bastante produtivas quer em termos de antroponímia, quer de toponomástica e teonímia (cf. Prósper, 2002, pp. 93–94). A localização deste lugar, à falta de outros testemunhos toponímicos, propende a entender-se igualmente dentro do âmbito geográfico local.

#### 4. O guerreiro de São Julião (Coucieiro, Vila Verde)

A mais recente descoberta de escultura de guerreiro epigrafada corresponde ao da Citânia de São Julião (Calo, 2003, pp. 19–20, n.º 24; Fig. 11), tendo-se dado a identificação acidental dos dois fragmentos que a compõem num amontoado de pedras presente numa das plataformas médias do povoado<sup>5</sup>, aquando da primeira campanha de escavação realizada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho em 1981 (Martins & Silva, 1984, pp. 31–32). Na superfície da *caetra*, apresenta três linhas de texto, com o umbo entremendo as duas primeiras (Fig. 12), cuja leitura é a seguinte:

‘Ma’lceino  
Douilonis  
f(ilio)

Resume-se a inscrição, que não levanta dificuldades maiores de leitura apesar do desgaste da superfície epigrafada, a uma estrutura onomástica de tipo peregrino, com idiónimo em dativo, seguido do patronímico e da abreviatura do aposto *filius*, que identificará o personagem cuja individualidade se plasmará no registo escultórico.



Fig. 11 Estátua de guerreiro de São Julião (fotografia: Manuel Santos /Arquivo do Museu D. Diogo de Sousa).



Fig. 12 Pormenor da inscrição da estátua de guerreiro de Santa Comba (fotografia: Manuel Santos /Arquivo do Museu D. Diogo de Sousa).

No respeitante à onomástica, foi já salientado o seu celtismo e adequação à figura de um chefe guerreiro (Martins & Silva, 1984, p. 36), tendo-se revelado basilar para esta inferência a análise linguística cunhada por M.<sup>a</sup> L. Albertos para os nomes em questão.

Relativamente a *Malceinus*, considerou esta autora (Albertos, 1966, pp. 279–280), na esteira de Palomar (1957, p. 115), tratar-se de formação composta com o elemento *-genos* ‘filho, descendente de’, definindo-lhe carácter patronímico, tipicamente indo-europeia e frequente no âmbito celta, no caso vertente com as particularidades de apresentar ensurdecimento e infecção, e de não possuir vogal de ligação entre os dois elementos. Em consequência, a proposta etimológica de Albertos (1966, p. 145) para o primeiro elemento, seguindo Krahe (1955, p. 588), remete, em termos semânticos, para um sentido orográfico, tendo em conta o albanês *mal* ‘montanha’, o romeno *mal* ‘margem, monte’, o letão *mala* ‘margem, bordo’, em consonância com o IE *\*mel-*, *\*melə-* ‘aparecer, levantar-se’ (IEW, pp. 721–722).

Recentemente, Luján (2007, p. 250), acentuando a celticidade de *Malgenus*, relaciona este nome com o irlandês *mall* ‘lento’ e nomes galos em *Mal-*.

Considerando algumas particularidades, como a referida ausência de vogal de ligação entre os dois elementos compositivos e a distribuição afastada do núcleo geográfico dos nomes em *-genos*, Vallejo (2005, pp. 345–346) põe em dúvida que se trate, efectivamente, de um nome composto, equacionando tratar-se de forma derivada a partir de um radical *malg-/malc-*, que coloca em relação com o nome *Malcio* e que retroage a uma base *\*malg-* para cuja etimologia sugere o IE *\*mēlg-* ‘arrancar, colher, ordenhar’ (IEW, pp. 722–723) ou *\*melgh* ‘inchar’ (IEW, pp. 723–724), construída sobre um grau Ø da raiz *mlg-* que proporcionaria o desenvolvimento interconsonântico adequado ao grupo *\*-al-*. Corroborar a sua hipótese com o nome brácario *Melgaecus* (CIL II 2435 e 2426), cuja derivação em *\*-aiko-* surge evidente.

Trata-se de um nome quase que exclusivamente do âmbito lusitano, com diversas cambiantes (Vallejo, 2005, p. 345; Abascal, 1994, pp. 410–411), tendo a forma registada nesta inscrição outro testemunho peninsular ocíduo em Celorico da Beira (*CIL* II 424 + *HEp* 2, 792).

Para a forma antroponímica *Douilo*, correspondente ao patronímico, tal como para outras com o mesmo radical, nomeadamente *Douiterus*, *Douitena* ou *Douaecia*, Albertos (1966, p. 108) inclina-se a aceitar a relação com o celta *doγis* ‘forte, bom’, do IE *\*deu-* (ou *\*dou-*), *\*du-* ‘ser forte, venerar algo’ (*IEW*, p. 218). Luján (2000, p. 83) conjecturou uma base a partir da raiz *\*d<sup>h</sup>eub<sup>h</sup>* ‘negro, escuro’ (*IEW*, p. 263) e Prósper (2002, p. 417) relaciona os nomes peninsulares que têm em comum o radical *\*dow* com os ogânicos de base *dou-*, recorrendo à mesma etimologia. Em revisão a estes contributos, Vallejo (2005, p. 309) conclui pela maior admissibilidade da proposta mais antiga.

O nome em questão tem distribuição preferencial na área lusitano-galaica, ao passo que a antroponímia relacionada com as formas básicas *Douit-* e *Dobit-* se concentra nas áreas ásture e lusitana setentrional, com extensões celtibéricas (cf. Vallejo, 2005, pp. 303–307).

## 5. O guerreiro de Rubiás (Bande, Orense)

A inscrição anterior tem claro paralelo na do guerreiro do castro de Rubiás<sup>6</sup> que, apesar de se desenvolver em apenas duas linhas, se resume também a uma estrutura onomástica do mesmo tipo, igualmente com o idionimo em dativo. Esta escultura foi referenciada no dealbar do século XVII, sabendo-se que o letreiro estava aberto no escudo redondo com umbo central (Castellá, 1610, fl. 159v). Encontra-se desaparecida, embora a literatura arqueológica de Novecentos não tenha enjeitado a possibilidade de a cabeça de estátua descoberta em 1935 em Rubiás corresponder ao guerreiro epigrafado (cf. Calo, 1994, pp. 409–414, 2003, p. 17, n.º 21).

Apesar de a leitura que tem sido editada (*CIL* II 2519 = *ILER* 2226) corresponder a *Adrono* / *Veroti f(ilio)*, julgamos que a lição, por razões epigráficas e onomásticas, deverá ser corrigida para:

[L]adrono  
Veroti f(ilio)

Esta proposta repousa numa evidência incontornável que o trabalho de revisão epigráfica que temos vindo a realizar no âmbito da área galaica bracarense manifesta: a de não haver prova indubitável de uma forma antroponímica *Adronus*. Relativamente às atestações referenciadas para aquela forma (cf. Abascal, 1994, p. 258), verifica-se que no único caso em que é possível a análise autóptica em virtude da conservação do suporte epigráfico (*AE* 1983, 583) pudemos corrigir a leitura para *Ladronus*<sup>7</sup>. Quanto a *CIL* II 2430b, sabemos por Argote (1732, livro 2, cap. 2, p. 258) que o suporte se encontrava quebrado, deduzindo-se pelo texto transmitido a sua incompletude no lado direito, conforme se ilustra no *CIL*, mas nada nos assegura que o início da primeira linha não estivesse também maculado, pelo que, objectivamente, será mais adequado presumir que a forma antroponímica não está completa, atendendo a que temos o nome *Ladronus* múltiplas vezes documentado no Noroeste e, em concreto, no espaço brácario.

No caso da inscrição ourensana em apreço é, do ponto de vista epigráfico, perfeitamente explicável a falha do carácter inicial devido a qualquer lascadura ou moessa, ou mesmo desgaste, no rebordo da superfície circular da *caetra*, tendo em conta a verosímil distribuição horizontal do texto, à semelhança do que se verifica nas peças de Vila Verde e de Refojos de Basto. Entender-se-á

que ela não tenha sido originalmente equacionada em virtude da incipiência dos conhecimentos onomásticos da época em que foi reportada a escultura.

Neste mesmo sentido, haviam já opinado A. C. F. da Silva (Martins & Silva, 1984, pp. 38–39) e, mais recentemente, Rodríguez Colmenero (2002, p. 267), embora apenas aduzindo a frequência do nome *Ladronus*, ainda que o primeiro sugira também a adequação semântica do antropónimo, que relaciona com a função guerreira, por comparação com o latim *latro*, na acepção indirecta de ‘guerrilheiro’.

Todavia, Albertos (1964, p. 249) expressou incerteza quanto à natureza do nome *Latro*, nomeadamente quanto a eventual relação com aquele apelativo latino, tomando *Latron(i)us* como seu derivado. E se a latinidade de *Latro* é mais aceitável em função da sua dispersão, tanto *Latron(i)us*, como *Ladronus* e *Latrus* têm existência restringida ao âmbito lusitano-galaico (Vallejo, 2005, p. 326). A propósito do último nome, Albertos (1964, p. 249) relacionou o radical em questão com o IE *\*pela*, *\*plā* ‘largo e plano’ (IEW, p. 805), com correlatos no antigo irlandês *lāthar* ‘lugar’ (*\*plā-tro-*) e no galês *llawdr* ‘calças’. Contudo, talvez não seja impossível que todos partilhem uma mesma base etimológica IE *\*lē(i)-* ‘dar, posse, obter, possuir’ (IEW, p. 665), presente no grego *λότρον* ‘salário, soldo’, com que se relaciona o latim *latrō* ‘mercenário’, ou no antigo islandês *lād* ‘propriedade’.

À semelhança do constatado com outra onomástica patenteada nas anteriores inscrições, também a forma genitiva *Veroti* constitui um hápax, que se deverá aproximar de outra antropónimo indígena com o mesmo radical, como *Vironus*, *Virius*, *Viriatus*... que Vallejo (2005, p. 452–456), repassando diferentes contributos etimológicos, considera poder entroncar numa mesma raiz *\*uiro-s* ‘varão’ (IEW, p. 1177).

## 6. Nota final

A análise dos textos apresentados permite a identificação de algumas linhas de força com interesse para a discussão de pautas cronológicas e do significado deste tipo de estatuária, temática que, como referimos, detalhadamente apresentamos nas actas do *X Colóquio Internacional sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas* e que, por isso, não pormenorizaremos nesta ocasião.

Quanto à cronologia dos textos, apesar de ser matéria delicada, temos por aceitável a sua integração na primeira metade do século I d.C. ou, no caso concreto do referente à estátua de Santa Comba, o mais tardar nos seus meados.

Para a inscrição do guerreiro vianense foi Hübner (1871, p. 107) que em primeiro propôs, com base num critério exclusivamente paleográfico, uma datação, atribuindo-a à segunda metade da primeira centúria d.C., quando muito ao imperialato de Nero. Deste ponto de vista, não vemos inconveniente numa integração clara na época júlio-claudiana, em concreto na primeira metade da centúria. A abreviatura de *libertus* reduzida à inicial reforça a datação no século I d.C., mas não auxilia no detalhe cronológico.

Apenas acepções históricas nos podem confortar a sugestão paleográfica. Nomeadamente, a aceitação da coincidência histórica de identificar o patrono de *L. Sestius Corocaudius* com *L. Sestius Quirinalis*, governador da Lusitânia que terá tido intervenção no processo de organização do Noroeste entre 22 e 19 a.C., que é sustentada na comunhão dos mesmos *praenomen* e *nomen* e foi sugerida por Tranoy (1981, pp. 327, 351), embora com interpretação do texto divergente da nossa. De qualquer modo, mesmo não se tratando daquele senador, é bastante plausível que o patrono pudesse ser alguém engrenado no movimento de conquista e pacificação militar, como sustenta



Rodríguez Colmenero (2002, p. 285), sobretudo tendo em consideração a singularidade do gentílico em causa. Hipoteticamente, talvez também devêssemos contabilizar a favor de uma cronologia alta destes monumentos com inscrição a sua escassez, plausivelmente decorrente de incipiente penetração das práticas epigráficas no seio das comunidades indígenas e, conseqüentemente, do seu domínio.

A influência da deriva epigráfica que se reconhece nesta minoria de estátuas haverá que buscá-la, em nosso entender, no programa epigráfico oficial que se vai levantando em *Bracara Augusta* à semelhança do que ocorre nas restantes capitais conventuais do Noroeste. A emergência da epigrafia privada terá sido um processo menos precoce, mas desde os finais do século I a.C. temos na capital brácaro um conjunto de dedicatórias dinásticas, a Augusto e outros elementos da família imperial, onde surgem, por exemplo, os *Bracaraugustani* como dedicantes, ou, pouco mais tarde, *negotiatores*, em homenagem a *C. Caetronius Miccio* (cf. Tranoy, 1980, pp. 69–71). A natureza e estrutura das mensagens patentes em algumas destas epígrafes abonam neste sentido, se tivermos em conta a sua redução à nomeação dos personagens, em dativo, e à menção de colectivos populacionais ou grupos profissionais enquanto dedicantes, como sugestivamente acontece em *AE* 1974, 392 e *CIL* II 2423 + *AE* 1966, 186, inscrições respectivamente datáveis entre -12/4 e 42/44.

De acordo com o conteúdo das epígrafes dos guerreiros que expomos, será adequado pensar-se que cada escultura não representa simplesmente um tipo, mas tem o objectivo de recriar do ponto de vista plástico um indivíduo concreto, enquanto verdadeiro retrato, como defendem, por exemplo, Tranoy (1988, pp. 223–225), A. C. F. da Silva (2003, p. 47) e Alarcão (2003, p. 120), no caso das esculturas epigrafadas, e Calo (1994, p. 687), e que essa obra revestirá um carácter honorífico, desselável da flexão escolhida para a indicação escrita da sua identidade e do modelo artístico eleito.

Com excepção do texto do guerreiro de Santa Comba, os restantes identificam essas individualidades (*P. Clodameus Corocaudi f. Seauo*; *Malceinus Douilonis f.*; *Ladronus Veroti f.*), quer reduzindo-se a isso a mensagem, como acontece nas inscrições associadas às esculturas de Rubiás e de São Julião, quer acrescentando-se algo mais sobre o contexto da acção dedicatória, como ilustra a epígrafe do de Meixedo, entrevedo-se-lhes progressões cívicas diferenciadas.

E se, por um lado, a utilização do dativo associada aos nomes gravados na parte frontal das estátuas de Meixedo, de São Julião e de Rubiás, como apontámos, não nos parece consentânea com a atribuição de carácter funerário às inscrições, pese embora o recurso documentado à fórmula *f. c.*, pois o caso em questão não é habitual em textos funerários de cronologia tão temporã como a que cuidamos plausível para estas epígrafes, por outro, a interpretação dos textos com indicação dos dedicantes e aquela fórmula parece-nos incompatível com a ideia de o suporte escultórico ter sido reaproveitado para gravação das epígrafes, como têm pretendido vários investigadores (Maluquer, 1963, p. 68; Taboada, 1965, p. 12; Tranoy, 1981, pp. 327, 351; Calo, 1994, p. 672; Koch, 2003, p. 81).

Em síntese, temos por pouco adequada a ideia do reaproveitamento puro e simples das estátuas epigrafadas, admitindo que, mesmo que possam não ter sido planeados em conjunto suporte e texto<sup>8</sup>, há pelo menos complementaridade de objectivos entre ambas as linguagens, não devendo estar distanciadas no tempo as acções que as produziram, sendo, porém, sustentável a sua simultaneidade por via da fórmula que finaliza dois dos textos. E em alternativa, não se descarta a possibilidade de a inscrição ter sido agregada à representação escultórica própria de determinado indivíduo na sequência da sua morte, não como epitáfio, mas como homenagem, perpetuando pela escrita, na história e mitologia comunitárias, a identificação, pelo nome, do personagem até aí plenamente identificável no retrato esculpido realizado em vida.

## NOTAS

- \* Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC); Investigador do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP). Endereço electrónico: aredentor@gmail.com.
- <sup>1</sup> O trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projecto de Investigação “*Ciuitas y religio en el Noroeste hispánico II: interacciones, sincretismos e interpretatio en el panteón provincial*” (HAR2008-00358/HIST), financiado pelo Ministerio de Ciencia y Innovación, Dirección General de Programas y Transferencia de Conocimiento.
- <sup>2</sup> As fotos da inscrição publicadas por A. C. F. da Silva (Martins & Silva, 1984, estampa V), na produção das quais se utilizou o método bicromático, corroboram parte desta evidência, sendo aí bem visível o desenho do P acompanhado de ponto.
- <sup>3</sup> Este povoado, com o qual provavelmente se relaciona a estátua, apresenta duas plataformas amuralhadas a que se associa, na vertente sudeste, uma terceira, delimitada por talude; o espólio observável à superfície reduz-se a fragmentos de cerâmica romana, comum e de construção (*tegulae*), e de cerâmica de tradição indígena (Carvalho, 2008, 2, p. 36, n.º 3041402).
- <sup>4</sup> Esta evidência é também apreciável no registo fotográfico da aplicação do método bicromático publicado por A. C. F. da Silva (1981–1982, est. IV, 2).
- <sup>5</sup> A Citânia de São Julião, localizada no limite das freguesias de Ponte e de Coucieiro, tem uma ocupação duradoura iniciada no Bronze Final (séculos X/IX a.C.), com buracos de poste e lareiras na parte mais alta, e que se prolonga até ao século III d.C.; a arquitectura defensiva do povoado é composta por três linhas de muralha e uma quarta fortificação a nordeste e este (Martins, 1990, p. 97, n.º 104; Carvalho, 2008, pp. 57–58, n.º 3131101).
- <sup>6</sup> Trata-se de um povoado em esporão, sobranceiro ao rio Cadós, afluente do Lima, com fosso no colo de acesso, sobre o qual se desenvolve parcialmente o aglomerado homónimo actual, impedindo a caracterização da estrutura amuralhada; o espólio associado ao sítio documenta forte ocupação nas duas primeiras centúrias d.C. (Calo, 1994, p. 403).
- <sup>7</sup> A leitura por nós estabelecida em recente avaliação autóptica para esta inscrição procedente do lugar de Paço, freguesia de Lago (Amares), é a seguinte:  
‘Mate’r’nu’s / Ladróni / f(i)lius ‘an(n)’s-u(ixit)-L.
- <sup>8</sup> No exemplar de guerreiro lusitano-galaico com vestígios de inscrição do Castro do Lesenho (Boticas), cujo estudo temos em curso (conjuntamente com Carla Braz Martins, João Fonte e Gonçalo Cruz), é manifesta a agregação da inscrição à superfície escultórica que havia anteriormente recebido decoração.

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- AE = *L’Année Epigraphique*. Paris.
- ALARCÃO, Jorge de (1992) - A evolução da cultura castreja. *Conimbriga*. Coimbra. 31, pp. 39–71.
- ALARCÃO, Jorge de (1998) - Ainda sobre a localização dos *populi* do *conuentus Bracaraugustanus*. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 9, pp. 51–57.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1964) - Nuevos antropónimos hispánicos. *Emerita*. Madrid. 32, pp. 209–252.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1981) - Nova estátua de guerreiro galaico-minhoto (Refojos de Basto). *Arqueologia*. Porto. 3, pp. 111–116.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1982) - Uma carta a propósito da estátua de guerreiro Refojos de Basto: resposta. *Arqueologia*. Porto. 5, pp. 82–84.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de, C. R. (1732) - *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas dedicadas a Elrey D. Joao V*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real. Título 1: *da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia antiga da provincia Bracarense*, tomo 1.
- BÚA CARBALLO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1999) - Nova interpretação de uma epígrafe votiva do Poço das Cortes, Lisboa (EO 144-E). In VILLAR LIÉBANA, Francisco; BELTRÁN LLORIS, Francisco, eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 329–338.
- CALO LOURIDO, Francisco (1983) - Arte, decoración, simbolismo e outros elementos da cultura material castrexa: ensaio de síntese. In PEREIRA MENAUT, Gerardo, ed. - *Estudos de Cultura Castrexa e Historia Antiga de Galicia*. Santiago de Compostela: Universidade, pp. 159–185.
- CALO LOURIDO, Francisco (1994) - *A plástica da Cultura Castrexa galego-portuguesa*. La Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- CALO LOURIDO, Francisco (2003) - Catálogo. *Madridrer Mitteilungen*. Mainz. 44, pp. 6–32.

- CARVALHO, Helena Paula Abreu de (2008) - *O povoamento romano na fachada ocidental do conuentus Bracarenensis*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, Universidade do Minho).
- CASTELLÁ FERRER, Mauro (1610) - *Historia del apóstol de Jesus Christo Sanctiago Zebedeo patrón y capitán general de las Españas*. Madrid: en la oficina de Alonso Martin de Balboa, toda a costa del autor (...).
- CIL II – HÜBNER (1869 e 1892).
- GIMENO PASCUAL, Helena (1988) - *Artisanos y técnicos en la epigrafía de Hispania*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.
- GUERRA, Amílcar (1998) - *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. Lisboa: [s. n.] (Dissertação de Doutoramento em História Clássica, Universidade de Lisboa).
- GUERRA, Luís Figueiredo da (1882) - A estátua callaica de Vianna. *Pero Gallego*. Viana do Castelo. 1:15 (Maio), pp. 3–4 [– A estátua callaica de Vianna. *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes*. Porto. 4, 1886, pp. 192–194].
- GUERRA, Luís Figueiredo da (1899–1900) - Vestígios romanos no concelho de Vianna do Castello. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1.ª série. 5:6, pp. 175–177.
- HEp = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- HEpOl = *Hispania Epigraphica Online* (Disponível em URL: < <http://www.eda-bea.es/> >).
- HÜBNER, Emil (1869) - *Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berolini: Georgium Reimerum (*Corpus Inscriptionum Latinarum*; 2).
- HÜBNER, Emil (1871) - *Noticias archeologicas de Portugal pelo Dr. Emilio Hübner: traduzidas e publicadas por ordem da mesma Academia*. Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias.
- HÜBNER, Emil (1892) - *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum*. Berolini: Georgium Reimerum (*Corpus Inscriptionum Latinarum*; 2).
- ILER = VIVES (1971–1972).
- IEW = POKORNY (1959).
- KOCH, Michael (2003) - Die lusitanisch-galläkischen Kriegerstatuen in ihrem literarisch-epigraphischen Zusammenhang. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 44, pp. 67–86.
- KRAHE, Hans (1955) - *Die Sprache der Illyrier*. Vol. 1: *Die Quellen*. Wiesbaden: Harrassowitz.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2000) - Sobre los orígenes de los comparativos indoeuropeus en \*-teros. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 30:1, pp. 77–102.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) - L'onomastique des Vetttons: analyse linguistique. In LAMBERT, Pierre-Yves; PINAULT, Georges-Jean, eds. - *Gaulois et celtique continental*. Genève: Droz, pp. 245–276.
- MALUQUER DE MOTES I NICOLAU, Juan (1963) - Los pueblos de la España céltica. In MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, ed. - *Historia de España*. T. 1, vol. 3: *España primitiva*. Madrid: Espasa-Calpe, pp. 5–194.
- MARTINS, Manuela (1990) - *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga: Universidade do Minho.
- MARTINS, Manuela; SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1984) - A estátua de guerreiro galaico de S. Julião (Vila Verde). *Cadernos de Arqueologia*. Braga. 2.ª série. 1, pp. 29–47.
- PALOMAR LAPESA, Manuel (1957) - *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- POKORNY, Julius (1959) - *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*. Bern; München: Francke.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2002) - *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- REDENTOR, Armando (2009) - Sobre o significado dos guerreiros lusitano-galaicos: o contributo da epigrafia. In *Acta Palaeohispanica X: actas del X Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Lisboa, 26–28 de febrero de 2009)*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico» (= *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9), no prelo.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio (2000a) - Epígrafes latinos sobre guerreros galaicos: una clave esencial para la interpretación de la estatuaría bélica del noroeste hispánico. In KHANOUSSI, Mustapha; RUGGERI, Paola; VISMARA, Cinzia, eds. - *L'Africa romana, 13: atti del XIII Convegno di studio (Djerba, 10–13 dicembre 1998)*. Roma: Carocci, pp. 1669–1684.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio (2000b) - *Bracara Augusta* en los inicios de su andadura histórica: cuatro puntualizaciones, entre otras posibles. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 110, pp. 89–118.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio (2002) - Epígrafes latinos sobre guerreros galaicos: una clave esencial para la interpretación de la estatuaría bélica del Noroeste Ibérico. In ROMANÍ MARTÍNEZ, Miguel; NOVOA GÓMEZ, María Ángeles, eds. - *Homenaje a José García Oro*. Santiago de Compostela: Universidade, pp. 267–285.

- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1981-1982) - Novos dados sobre a organização social castreja. *Portugalia*. Porto. Nova série. 2-3, pp. 83-94.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1982) - Uma carta a propósito da estátua de guerreiro Refojos de Basto. *Arqueologia*. Porto. 5, pp. 80-82.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) - *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2003) - Expressões guerreiras da sociedade castreja. *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 44, pp. 41-50.
- TABOADA CHIVITE, Jesús (1965) - *Escultura celto-romana*. Vigo: Castrelos.
- TRANOY, Alain (1980) - Religion et société à *Bracara Augusta* (Braga) au Haut-Empire romain. In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste peninsular (Guimarães, 1979)*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. Vol. 3, pp. 67-83.
- TRANOY, Alain (1981) - *La Galice romaine: recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris: De Boccard.
- TRANOY, Alain (1988) - Du héros au chef: l'image du guerrier dans les sociétés indigènes du Nord-Ouest de la péninsule Ibérique (II<sup>e</sup> s. avant J.-C.-I<sup>er</sup> s. après J.-C.). In *Le monde des images en Gaule et dans les provinces voisines: actes du colloque (Sèvres, 16 et 17 mai 1987)*. Paris; Clermont-Ferrand; Limoges: Errance, pp. 219-227.
- UNTERMANN, Jürgen (1992) - Anotaciones al estudio de las lenguas prerromanas del Noroeste de la Península Ibérica. In *Galicia: da romanidade á xermanización. Problemas históricos e culturais (Actas do Encontro Científico en Homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901-1973), Santiago de Compostela, outubro 1992)*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego; Sección de Prehistoria e Arqueoloxía, Instituto de Estudos Galegos P. Sarmiento; Departamento de Historia 1, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 367-397.
- VALLEJO RUIZ, José María (2005) - *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1913) - *Religiões da Lusitânia: na parte que principalmente se refere a Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones, las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VIVES, José (1971-1972) - *Inscripciones latinas de la España romana: antología de 6.800 textos*. Barcelona: Universidad; CSIC.